

PRÓLOGO

tu estás aqui

Vamos começar com o fim do mundo, está bem? Assim fica arrumado e podemos passar a coisas mais interessantes.

Primeiro, um fim pessoal. Há uma coisa em que ela pensará uma e outra vez nos dias por vir, imaginando como o filho morreu e tentando fazer sentido de algo intrinsecamente incompreensível. Cobrirá o corpinho mutilado de Uche com um cobertor — exceto o rosto, por ele ter medo do escuro — e sentar-se-á ao lado dele, atordoada, sem prestar atenção ao fim do mundo lá fora. Dentro dela, o mundo já acabou e não é a primeira vez que enfrenta um fim. Por esta altura, já está habituada.

O que pensa nesse momento, e a partir de então, é: *Mas ele era livre.*

E é o seu eu amargo e cansado que responde a esta quase-pergunta sempre que o seu eu confuso e chocado consegue formulá-la:

Não era. Na verdade, não era. Mas agora será.

* * *

Falta o contexto, no entanto. Vamos tentar o fim outra vez, agora a partir do ponto de vista continental.

Eis uma terra.

É normal, como as outras terras. Montanhas, planaltos, desfiladeiros e deltas, o costume. Normal, exceto no tamanho e no dinamismo. Mexe-se muito, esta terra. Como um velho inquieto na cama, respira

com dificuldade e suspira, contrai-se e peida-se, boceja e engole. Como seria de esperar, o povo desta terra chamou-lhe *Sossego*. É uma terra de ironia calma e amarga.

O Sossego já teve outros nomes. Outrora, foi várias outras terras. Atualmente é um único continente, vasto e sem fraturas, mas no futuro voltará a ser mais do que um.

Muito em breve, aliás.

O fim começa numa cidade: a cidade habitada mais antiga, maior e mais magnífica do mundo. A cidade chama-se Yumenes e no passado foi o coração de um império. Continua a ser o coração de muitas coisas, ainda que o império tenha de certo modo esmorecido desde o seu primeiro desabrochar, como costuma acontecer aos impérios.

Yumenes não é única por causa do tamanho. Há muitas cidades grandes nesta parte do mundo, umas atrás das outras ao longo do equador, como uma cintura continental. Noutras zonas do mundo, é raro as aldeias crescerem até se transformarem em vilas, e as vilas raramente se transformam em cidades, porque é difícil preservar estas formas de organização quando a Terra está sempre a tentar comê-las... mas Yumenes teve estabilidade durante a maior parte dos seus vinte e sete séculos.

Yumenes é única porque só aqui os seres humanos ousaram construir visando não a segurança, não o conforto, nem sequer a beleza, mas sim a coragem. As muralhas da cidade são uma obra-prima de mosaicos delicados e relevos que representam pormenorizadamente a história longa e violenta do seu povo. Os aglomerados maciços dos edifícios são pontuados por torres altíssimas como dedos de pedra, pontos de luz feitos à mão, alimentados pela maravilha moderna da hidroeletricidade, audaciosas pontes em arco delicadamente tecidas em vidro e umas estruturas arquitetónicas chamadas *varandas*, tão simples e, contudo, tão deslumbrantemente tolas, que nunca ninguém as construiu na história de que há registo. (Mas uma grande parte da história não teve registo. Lembrem-se disto.) O pavimento das ruas não é em godos de fácil substituição, mas de uma substância lisa, sem fraturas, e milagrosa, a que os habitantes locais chamam *asfalto*. Até as casas dos bairros de lata de Yumenes são arrojadas, uma vez que não passam de barracões de paredes finas que iriam pelo ar numa tempestade com vento forte, quanto mais num tremor de terra. Apesar de tudo, permanecem de pé; assim acontece há muitas gerações.

No centro da cidade há muitos arranha-céus, pelo que talvez não surpreenda que um deles seja maior e mais ousado do que todos os outros juntos: uma estrutura impressionante com uma base que é uma pirâmide em forma de estrela, de tijolo de obsidiana lapidado com precisão. As pirâmides são a forma arquitetónica mais estável e esta vale por cinco, portanto porque não? E por isto ser Yumenes, uma enorme esfera geodésica com paredes facetadas que lembram âmbar translúcido reside no ápex da pirâmide, parecendo balouçar levemente — ainda que, na realidade, todas as partes da estrutura contribuam para o objetivo único de a sustentarem. *Parece precária; só isso importa.*

É na Estrela Negra que os líderes do Império se reúnem para as atividades próprias dos líderes. O imperador é mantido na esfera de âmbar, perfeito e cuidadosamente preservado. Vagueia pelos corredores dourados em desespero controlado, obedecendo ao que lhe dizem e receando o dia em que os seus senhores decidam que a filha poderá ser mais decorativa.

Note-se que nenhum destes lugares ou pessoas importa. Refiro-os apenas para contextualizar.

Eis, no entanto, um homem que será muito importante.

Por agora, podem imaginar o aspeto dele. Podem também imaginar o que lhe passa pela cabeça. As suposições podem estar erradas, não passar de conjeturas, mas aplica-se aqui alguma dose de verosimilhança. Tendo em conta o que fará a seguir, há um número limitado de pensamentos que poderia ter em mente neste momento.

Está numa colina perto das paredes de obsidiana da Estrela Negra. Dali consegue ver a maior parte da cidade, cheirar o seu fumo, perder-se na sua tagarelice. Um grupo de raparigas avança por um dos caminhos asfaltados mais abaixo; a colina situa-se num parque muito amado pelos habitantes da cidade. (*Mantenhão o verde dentro das muralhas da cidade*, avisa a sabedoria das pedras, mas a maioria das comunidades pratica uma agricultura de pousio com legumes e outras culturas que enriquecem o solo. Só em Yumenes o verde é esculpido com beleza.) As raparigas riem-se de qualquer coisa que uma delas disse e o som chega até ao homem, transportado por uma brisa passageira. Ele fecha os olhos e saboreia o rumor trémulo daquelas vozes, os ecos ainda mais vagos dos passos delas como um bater de asas de borboletas contra as suas sessapinas. Note-se que não consegue sessar

a totalidade dos sete milhões de habitantes da cidade: é bom, mas não tão bom assim. A maioria, porém, está ali. *Aqui*. Respira fundo e passa a fazer parte da Terra. As vozes mexem com os filamentos dos nervos dele, arrepiam os pelos finos sobre a sua pele; o hálito cria ondulações no ar que respira. Estão nele. Estão dentro dele.

Ele sabe, no entanto, que não é, nem nunca será, um deles.

“Sabias”, pergunta em tom de conversa, “que o primeiro dito da sabedoria das pedras foi mesmo *escrito* na pedra? Para não sofrer transformações determinadas pela moda ou pela política. Para não se desgastar.”

“Sabia”, responde a companheira.

“Hum. Sim, provavelmente estavas lá quando isso aconteceu, já me esquecia.” Suspira, observando as raparigas até as perder de vista. “É seguro amar-te. Posso contar contigo. Não vais morrer. E sei qual é o preço, à partida.”

A companheira não responde. Não esperava realmente uma resposta, embora uma parte dele tivesse essa esperança. Tem-se sentido tão sozinho!

Mas a esperança é irrelevante, o mesmo se verificando em relação a muitos outros sentimentos que ele sabe que só lhe trarão desespero se voltar a pensar neles. Já pensou o suficiente. O tempo das dúvidas acabou.

“Um mandamento”, diz o homem, abrindo os braços, “está gravado na pedra.”

Imaginem que o rosto lhe dói de sorrir. Sorri há horas: os maxilares tensos, os lábios esticados, os olhos encarquilhados, mostrando pé-de-galinha. Sorrir de modo convincente é uma arte. É sempre importante incluir o olhar; caso contrário, as pessoas saberão que as detestamos.

“As palavras gravadas na pedra são absolutas.”

Fala para ninguém em particular, mas ao lado dele está uma mulher — uma espécie de mulher. Só superficialmente imita o género humano, por cortesia. Do mesmo modo, o vestido drapeado que usa não é de tecido. Limitou-se a moldar uma porção da sua substância rígida de acordo com as preferências das criaturas frágeis e mortais entre as quais se move atualmente. Ao longe, poderia parecer uma mulher imóvel, pelo menos durante algum tempo. De perto, contudo, qualquer observador percebe que a pele dela é de porcelana branca; isto

não é uma metáfora. Se fosse uma escultura, seria belíssima, ainda que com um realismo demasiado implacável para o gosto local. A maioria dos yumenescenos prefere a abstração elegante à realidade vulgar.

Quando se vira para o homem — devagar, visto que os comedores de pedras são lentos à superfície da terra, a não ser quando não são —, esse movimento transporta-a para lá da beleza hábil, até algo completamente diferente. O homem já está habituado; ainda assim, não olha para ela. Não quer que o nojo estrague o momento.

“Que vais fazer?”, pergunta. “Quando isto acabar. Será que a tua espécie se vai erguer dos destroços e conquistar o mundo, afastando-nos do poder?”

“Não”, diz ela.

“Porque não?”

“Poucos de nós têm interesse nisso. Seja como for, continuarão por aqui.”

O homem percebe ao que o plural se refere. *A tua espécie. A humanidade.* Ela fala frequentemente como se ele fosse um representante da sua espécie. Ele faz o mesmo com ela. “Falas com muita certeza.”

Ela não dá troco. Os comedores de pedras raramente se dão ao trabalho de dizer o óbvio. E ainda bem, porque, de qualquer modo, as palavras dela o irritam; não vibram no ar como as de uma voz humana. Ele não sabe por que razão isto acontece. *Não quer saber* porquê, prefere que ela fique em silêncio naquele momento.

Quer *tudo* em silêncio.

“Fim”, diz ele. “Por favor.”

E depois aproxima-se com todo o controlo refinado que o mundo lhe ensinou por meio de lavagens ao cérebro, facadas nas costas e atos de violência, e também com toda a sensibilidade que os mestres lhe transmitiram através de gerações de violações, coerção e seleção intensamente artificial. Os dedos dele abrem-se e remexem-se à medida que sente vários pontos de reverberação no mapa da sua percepção: outros escravos. Não consegue libertá-los, pelo menos em sentido prático. Já tentou antes e fracassou. Pode, contudo, fazer com que o sofrimento deles sirva uma causa maior do que a húbri de uma única cidade e o medo de um império só.

Por isso, desce fundo e apodera-se da vastidão sussurrante, ritmada, agitada, reverberante, ondulante da cidade e do substrato rochoso,